ARTE E RECICLAGEM NA ESCOLA

KATIA CRISTINA DA SILVA BERNARDES MODESTO

RESUMO
O presente estudo tem como objetivo demonstrar as características e a importância do trabalho com material reciclado nas artes plásticas no ensino fundamental. Pensar um projeto de Arte na escola e, especialmente um projeto que contemple o ensinar/aprender Arte nas séries iniciais do Ensino Fundamental, requer a clareza de dois pontos fundamentais: Arte é área do conhecimento humano, patrimônio histórico e cultural da humanidade e Arte é linguagem. Apresenta-se um estudo sobre o professor de arte, o significado de arte e o papel do professor mediador. Apresenta um estudo sobre a arte na escola e a arte que mobiliza o ensino de arte. Evidencia-se as experiências do fazer e apreciar arte. Elucida-se a criança no ambiente natural e cultural. Aprensenta uma análise sobre a educação ambiental e a arte. Por fim, esclarece a arte e a arteterapia. A metodologia empregada baseia-se nas referencias bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Professor. Ensino de Arte. Reciclagem

.INTRODUÇÃO
O presente estudo tem como objetivo evidenciar o ensino de arte, no campos das artes plásticas com materiais reciclados no ensino fundamental.
Para o professor, é muito importante conhecer o processo expressivo e comunicativo da criança e como ela percebe, reconhece e representa os objetos ao seu redor. O processo de formação do conhecimento da arte depende então de atos que aprimorem essas noções e convertam as aulas em ambientes criadores, interativos, lúdicos e abertos à imaginação.
Objetiva-se ampliar a arte-artesanato não âmbito escolar fazendo uso dos novos materiais recicláveis. Definir e criar recicláveis.
Considerando as diversas dificuldades em adquirir materiais para a construção de artesanato e na expectativa de descobrir e explorar novos talentos, fazer artesanato com recicláveis para ampliar as oportunidades da escola e trabalhar com a sustentabilidade.
Qual a importância do desenho infantil?

A ARTE MOBILIZA A EDUCAÇÃO ESCOLAR DE ARTE
Ao assumirmos que a arte pode e deve ser ensinada e aprendida na escola, assumimos também outro compromisso, a necessidade de trabalhar e refletir sobre a organização pedagógica direcionada às inter-relações artísticas e estéticas junto aos estudantes quer sejam crianças, jovens, jovens adultos ou adultos. Evidentemente, os cursos escolares de Arte não são os únicos lugares nem os únicos tempos disponíveis para as pessoas aprenderem saberes de arte.
Outras instituições sociais e culturais (famílias, centros culturais, museus, teatros, igrejas, meios de comunicação) também compartilham produções artísticas e concepções estéticas que as pessoas conhecem e praticam. Mas é na escola que oferecemos a oportunidade para que crianças e jovens possam efetivamente vivenciar e entender o processo artístico e sua história em cursos especialmente destinados para esses estudos.
Há uma especificidade nos saberes de arte que precisa ser discutida com os diversos professores da escola, que permite inúmeras propostas inter-disciplinares, constituição de projetos e integrações de áreas, visando às inter-relações significativas entre esses saberes. Os cursos de Arte desenvolvidos na escola constituem-se em um espaço tempo curriculares em que professores e alunos dedicam-se metodicamente à busca e aquisição de novos saberes, especificamente artísticos e estéticos.

não é suficiente dizer que os alunos precisam dominar os conhecimentos, é necessário dizer como fazê-lo, isto é, investigar objetivos e métodos seguros e eficazes para a assimilação dos conhecimentos. (...) O ensino somente é bem-sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo do aluno e é praticado tendo

em vista o desenvolvimento das suas forças intelectuais. (...) Quando mencionamos que a finalidade do processo de ensino é proporcionar aos alunos os meios para que assimilem ativamente os conhecimentos é porque a natureza do trabalho docente é a mediação da relação cognoscitiva entre o aluno e as matérias de ensino. (LIBÂNEO, 1991, p. 54-5)

Em outras palavras, para que a educação escolar de arte possa ser entendida como uma construção poética e interativa, e que contextualize as experiências das crianças e jovens, é preciso que os princípios que atam todo o processo de ensino e aprendizagem, assim como os objetivos e métodos educacionais, estejam direcionados para o conhecimento e estético e trabalhados conjuntamente pelos professores e alunos.
Na escola, os objetivos educacionais de arte a serem alcançados referem-se aperfeiçoamento de saberes, pelos alunos (com a participação dos professores), sobre o fazer e o pensar artísticos e estéticos, bem como sobre a destes. Entretanto, para desenvolver as competências no campo arte de maneira significativa e com sentido para todos, é preciso ainda haja sintonia entre os objetivos do professor e os dos alunos. Assim, o ensino e a aprendizagem serão orientados de modo a desenvolverem-se com sentido para o aluno.

FAZER E APRECIAR ARTE
Quando tratamos do fazer e do apreciar a arte na escola, estamos nos referindo aos procedimentos de ensino e aprendizagem realizados de maneira intencional, criadora e sensível.
A educação do fazer e do apreciar, nessas condições, compreende a participação dos sujeitos que interagem nesse processo e são organizados da mesma forma dos demais processos artísticos, ou seja, incluindo autores, obras, público, meios comunicacionais.
Deste modo, estamos considerando os alunos como autores, suas produções (as obras), a recepção ao seu trabalho, tanto por parte do(a) professor(a), como de seus colegas, pais, familiares e comunidade, e a maneira como os trabalhos são apresentados entre si e para as outras pessoas. Com relação à apreciação da arte, tanto a produzida no âmbito da escola como as das culturas regional, nacional e internacional, de várias épocas e sociedades, parte-se do mesmo princípio.
Destacamos que "o fazer" é mais praticado na escola, embora muitas vezes faltem clareza e objetividade às ações dos professores que orientam a produção de arte. No passado, este fato até contribuiu para que houvesse, inclusive, repetições e cópias pouco refletidas.
A formação inicial e contínua do professor que trabalha com a arte precisa ter bem clara a amplitude desse fazer, que emerge de experiências em que o pensamento, a sensibilidade e a emoção concorrem para a criação. São ações que int-gram a forma ao gesto, a ideia à materialidade, o pensamento à construção. Durante o processo de elaboração artística, o educando (autor do trabalho de arte) vivencia uma situação, em que ele exercita a criação, integrando outras ações, como pensar sobre ela, sobre o uso de materiais, de técnicas, e encontrar caminhos para concretizá-la.
Ao produzir seu trabalho, o educando desenvolve então uma linguagem própria, mas para que ocorra de fato a constituição dessa linguagem, deve ocorrer outro evento, uma comunicação, ou seja, considerar ainda quem a vê. Isto significa a desmistificação de entender-se a produção de crianças e jovens como meramente espontâneas.
Elas partem muitas vezes de atos espontâneos, mas o desenvolvimento e crescimento de uma linguagem pressupõem a reflexão sistemática, experimentações e orientações adequadas dos professores. São eles que observam e orientam cada educando, identificando o estágio de cada um, indicando possibilidades e estimulando a sua produção. Em contrapartida, as demais pessoas que participam de sua escolaridade, as outras crianças e jovens, o professor, acompanhando ou observando o trabalho do educando, vivenciam experiências de outra ordem, a experiência da fruição.
Conhecer os artistas, ver como trabalham, observar suas obras é outro passo para aprender a pensar e apreciar arte.
Segundo ALVES (1996), a cultura moderna valoriza apenas o novo. O reaproveitamento

de materiais encontrados no lixo doméstico significa um incentivo à criatividade para transformação de sucata em matéria-prima e diminuição de impactos ambientais, evitando-se corte de árvores. Segundo GRIPPI (2001), uma tonelada de aparas pode evitar o corte de dez a doze árvores provenientes de plantações comerciais. O mesmo autor diz que a fabricação de papéis com uso de aparas gasta de 10 a 50 vezes menos água que no processo tradicional, que usa celulose virgem, além de reduzir o consumo de energia pela metade.

O ecletismo da Arte Contemporânea trouxe a integração do objeto não artístico, criando uma nova alternativa em que os objetos deixam de ser utilitários se transformando em novas idéias e diversidades múltiplas atingindo o multiculturalismo podendo ser trabalhados diversos temas de fácil compreensão (CIORNAI, 2004).

Há inúmeras possibilidades de se proporcionar momentos de laser com arteterapia. Além disso, utilizando a reciclagem, torna-se viável minimizar os impactos ambientais provenientes da indústria de papel e, de certa forma, conscientizar as pessoas da necessidade de se preservar o planeta para as gerações futuras.

A observação atenta do trabalho artístico e sua inserção na sociedade, a sua identificação, a percepção da linguagem e dos significados que contém, são conhecimentos específicos do campo artístico e que aprimoram tanto o processo de produção como a percepção estética. Como diz Jorge Coli, é muito importante "certa disponibilidade" para desfrutarmos as formas artísticas. Essa disponibilidade é definida como "atenção, tempo de observação, reflexão e o prazer em encontrar, por meios intuitivos, relações que nos seduzem", e isto não é o que ocorre em nossa experiência cotidiana com as imagens.

O autor comenta ainda que elas chegam até nós, hoje, geralmente de modo ininterrupto, obrigando-nos a uma visão ágil, capaz de captar aspectos variados, mas nem sempre nos encaminham ao olhar analítico. (Jorge Coli, Folha Equilíbrio, 15 de maio de 2003, p. 7-8).

Para que se faça a leitura de uma imagem, objetos, ou de uma forma da natureza é preciso, portanto, uma busca de correlações que permitam a interpretação e compreensão da forma. Exige aquele olhar atento do qual nos fala Jorge Coli e depois, como processo, o exercício da observação. Por outro lado, a leitura se inicia com a observação da própria produção. Em continuidade, desenvolve-se com a mediação (observação) dos trabalhos feitos por outras pessoas, como os de colegas, dos artistas e as manifestações culturais. Conhecendo-se as linguagens artísticas, seus elementos e os sistemas de signos — como os visuais, sonoros, corporais — têm-se condições de entender também como se dá a articulação desses elementos nas criações, e saber que eles podem modificar-se de acordo com a época, cultura ou região e ter, com isso, sentidos diversos.

Por outro lado, em nossos dias, no mundo ocidental, a arte no corpo tem outros significados, como intervenção e experiência estética. Em suma, para preparar e/ou desenvolver bem suas aulas, o professor que trabalha com a arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva destes.

Nessa concepção, se quisermos contribuir para o desenvolvimento de potencialidades do aluno, devemos planejar e orientar as atividades pedagógicas de maneira a ajudá-lo a atender a ver, olhar, ouvir, tocar, sentir, comparar os elementos presentes em seu mundo, tanto os da natureza como também as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural. Todas essas ideias aparecem em muitas das propostas para uma educação escolar de arte mais atualizada e com bases contemporâneas. Thomas Nestor Garcia Canclini, Herbert Read, Edmund Feldman, Vincent !nder, Ana Mae Barbosa, entre outros, vêm demonstrando a importância da arte para o indivíduo e para a sociedade. Muitos deles chegaram a impor cursos de Arte fundamentados em uma intermediação estética. É o caso de Vincent Lanier (1984), ao enfatizar que o professor de deve assumir, em suas aulas, "um conceito central forte, vinculado a referenciais artísticos, e que a sua principal finalidade deve ser a evolução domínio dos procedimentos estéticos". Além disso, ele nos desafia a em procedimentos que favoreçam o crescimento es-

tético sem cair mera repetição de quaisquer conteúdos:

Evidentemente, cada aluno em particular — criança ou adulto — terá seus próprios interesses estéticos, ponto a partir do qual pode ser levado para um envolvimento mais amplo. (...) Devemos explorar esses interesses pessoais. Entretanto, os currículos são normalmente planejados para grupos e não para indivíduos e, portanto, é importante identificar ou prever aquelas artes populares que podem servir como o denominador comum mais abrangente do interesse da juventude (...). Contudo, mesmo o mais contemporâneo conteúdo de curso não irá garantir o tipo de crescimento que nossa ideia de "conceito central forte" sugere, se não estiver implementado por procedimentos adequados em sala de aula. Se reduzirmos o currículo de Arte ao bordado, produção de filmes ou videoteipes, desenho ou recriação de espaços urbanos, produção de histórias em quadrinhos, em suma, desenvolvendo todas essas atividades de ateliê, de que os professores gostam muito, mesmo incluindo o folclore, a arte popular e a mídia, o mais provável é que nossos alunos estarão essencialmente limitados no crescimento que poderíamos provocar neles. (LANIER, 1984, p. 6-7)

Esse autor, muito lucidamente, nos chama a atenção para a necessidade de garantirmos sempre a presença da arte nos cursos e aulas de Arte que desenvolvemos com os estudantes.
Ele nos lembra que nessas aulas não basta praticarmos apenas exercícios soltos de fazer desenhos, pinturas, gravuras, modelagens, histórias em quadrinhos, vídeos, músicas, teatro, dentre outros. Essas atividades, nas várias modalidades artísticas, devem vincular-se a um projeto pedagógico na área. Elas precisam mobilizar o estudo e desenvolvimento de vivências e conceituações mais definidas. Atividades educativas esparsas e não originárias de conceitos, de ideias artísticas e estéticas, podem concorrer para o desaparecimento do estudo da arte propriamente dito.

"Devolvamos a arte à educação em arte". Fazendo nossas as palavras desse professor, é preciso que "avaliemos, o mais objetivamente possível, tudo aquilo que fazemos na sala de aula e que reorientemos nossa conduta numa direção que trate mais especifica-mente da aprendizagem em arte" (LANIER, 1984, p. 7).

É o conhecimento da arte e sua elaboração que deverá mobilizar cotidianamente o nosso caminhar com a formação estética e artística junto a crianças e jovens na escola.
"Já se tomou consciência da solidariedade exis-tente entre a ambiência e o indivíduo, este não podendo existir sem aquela, sendo, entretanto o indivíduo capaz de também modificar o meio... O porvir da educação se encontra na disposição desses meios. Nada mais eficaz que a ação exercida sobre a criança e igualmente sobre o homem, por intermédio do ambiente". (H. Wallon)
Desde muito pequena a criança participa das práticas sociais e culturais de sua família, de seu meio, enfim, dos grupos com os quais convive. Gradativamente, ela vai se descobrindo e, simultaneamente, o mundo físico, psicológico, social, estético e cultural que lhe é apresentado pelos adultos (e outras crianças) no dia-a-dia.
São tantas as organizações desta ordem que desde criança aprende-se a contemplá-las. Quantas vezes repetimos nossos gestos e olhares indicando a beleza de uma paisagem, de um céu colorido ou de uma pequenina flor que desabrocha! Além das visualidades e sons naturais e do meio ambiente, existem outras experiências que também afetam as emoções e pensamentos infantis e são partilhados com outras pessoas no processo cultural, incluindo o campo estético e artístico.
A criança percebe que a dança, a arquitetura, as festas, as apresentações de teatro e música, a instituição cultural como o museu, por exemplo, também fazem parte de seu mundo.
De modo similar, ela vai convivendo com o universo das máquinas, da industrialização, das tecnologias, da mediação eletrônica e das mídias que a aproximam de outras experiências, muitas vezes com o simples apertar de um botão. E tudo isso dentro de sua própria casa ou junto à cultura local, no

qual o mundo exterior se faz presente dos mais variados modos:

toca o telefone, ouve-se a voz do papai, gira-se o botão do rádio e surgem sons, rumores, músicas; aperta-se um botão do televisor [ou aciona-se o controle remoto] e a tela se enche de imagens, e para cada imagem devagarzinho armazena-se uma palavra, uma informação para decifrar e guardar com a devida prudência, junto das que já possui (RODARI, 1982, p. 89).

Logo, é na vivência cotidiana que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, por exemplo, os de gostar, desgostar, coragem.
Esta elaboração se faz de maneira ativa, a criança interagindo vivamente com as pessoas e sua ambiência. Em outras palavras, a criança participa de diversas maneiras das complexas manifestações socioculturais, como sucede com as artísticas, estéticas e comunicacionais, e, participando, ela é capaz de reelaborá-las, de reconstruí-las em seu imaginário, formando ideias e sentimentos sobre as mesmas, e expressá-las em ações.
O universo dos sons, das cores e do movimento marca sua presença entre as crianças e nós com encantos e inquietações. Ora nos detemos para contemplá-los, ora nos atingem provocativamente. São imagens e sons que se justapõem ininterruptamente, constituindo a dimensão da nossa ambiência natural e cultural. No âmbito artístico, um processo de comunicação cultural tem se encarregado de efetivar essa difusão de imagens e sons por vários meios: rádio, CDs, cartazes, luminosos de rua, revistas, exposições, concertos, cinema, vídeos, DVDs, televisão, internet. E o faz com uma velocidade tal que nos desafiam — os educadores de hoje — a encontrar maneiras contemporâneas de intermediar esses inúmeros conhecimentos ou representações de mundo, presentes em nossas práticas sociais cotidianas. Mas, que imagens e sons tão estimulantes são esses, por meio dos quais as crianças vêem, ouvem e sentem o mundo? E que mundo é esse que os adultos estão lhes mostrando por meio de suas produções artísticas e comunicacionais? Como e com quais potenciais as crianças estão mediando a sua interação com o mundo em que vivem?
Na diversidade das culturas e classes sociais em que vivem, quais são as várias relações dessas crianças com os objetos, as pessoas, as práticas sociais?
E com as imagens e sons de um mundo que lhes é mostrado pelos adultos nos meios eletrônicos e audiovisuais?
O papel da Educação Ambiental na Educação Infantil è fundamental para trabalhar valores com as crianças, para transformarem suas atitudes perante o meio ambiente Seguindo a tradução popular que se diz: serem as crianças o futuro do nosso pais; deve se considerar que as crianças apreciam o contato com a natureza, plantas bichos, árvores etc; qualquer ser vivo é admirado por elas, isso deve ser aproveitado o máximo, possibilitando atividades lúdicas , interativas e o contato direto com o meio ambiente, construindo valores, esclarecendo junto ás crianças fenômenos da natureza e da sociedade.
As práticas adotadas nas instituições de ensino de Educação Infantil têm despertado interesse a imaginação e a capacidade da criança pequena para conhecer questões significativas e compreendê-las de forma consciente; manifestando opiniões próprias e contribuindo com a preservação do planeta. A construção da personalidade moral da criança, com base na teoria piagetiana, ou seja, nas relações de cooperação e respeito mútuo, se torna suporte para o desenvolvimento das virtudes que são necessárias para a transformação da sociedade e de sua forma de perceber, compreender e lidar com o meio ambiente . A educação Ambiental já faz parte da educação de base. As crianças além de adquirirem esse ensinamento, também aplicam o que sabem dentro de casa e ajudam os pais nesse papel tão importante para o planeta. A educadora Berenice G. Admans, criadora do livro Coletânea de Práticas da Educação Ambiental de 2011, relata:

[...] Se realmente somos os animais mais inteligentes da terra chegou a hora de provar . Provar que pela inteligência a mesma que promoveu o caos, é capaz de uma reforma geral pela mudança do mundo , deixando o que está bom e excluindo o que está mal . Seria um começo. Seria o mínimo a fazer por essa divina esfera que nos permite ex-

perimentar essa maravilhosa viagem que se chama vida. Então ...Ou mudamos para viver para simplesmente , consumi-la. A escolha ... É de cada um! [...].

Trabalhar com crianças por meio das atividades recreativas com sucata, construindo instrumentos musicais em uma aula de arte é uma grande oportunidade pra que o docente em sala de aula desperte o senso crítico com o objetivo de consciência da educação ambiental. Essa forma, por meio das vivências e brincadeiras musicais, é possível também trabalhar junto as crianças alguns conceitos ligados à importância da necessidade da preservação e o cuidado com o meio ambiente, relativos à vida na cidade e no dia-a-dia de seus moradores. Esses materiais recicláveis, que fazem parte do cotidiano das crianças e que iriam parar no lixo, ou, na melhor das hipóteses, seriam encaminhados para a reciclagem, ao se transformarem em brinquedo-sucata que passam ter outro significado para os pequenos. A educação ambiental é um processo participativo, em que o educando assume o papel de elemento central do processo ensino /aprendizagem pretendido participando ativamente no diagnóstico dos problemas ambientais e busca de soluções, sendo preparado como agente transformador.

"O desafio da Educação Ambiental, vai além de encontrar "certo ou errado", 'culpados e inocentes', mas circunscreve-se na necessidade de reconhecer a limitação das potencialidades da educação ambiental (...) (MAFFESOLI, 1995).

Segundo ainda o mesmo autor, o grande desafio da Educação Ambiental está em não dar ênfase a preservação do meio ambiente apenas no dia mundial do meio ambiente (5 de junho), mas proporcionar uma mudança realmente comportamental. No âmbito da Educação Ambiental para Educação Infantil, acrescenta aquisições de conhecimentos, habilidades, atitude se competências, venha permeada pela construção de valores e devem ser voltados pra a proposição de soluções que atuem nas causas dos problemas do planeta.

Segundo Sato e Tamaio (2000), (...) o primeiro passo para a preservação do meio ambiente está relacionado com o caráter entrelaçado do ser humano com a natureza (...).

Sustentabilidade é um termo usado para definir ações e atividades humanas que visam suprir as necessidades atuais dos seres humanos, sem comprometer o futuro das próximas gerações. Ou seja, a sustentabilidade está diretamente relacionada ao desenvolvimento econômico e material sem agredir o meio ambiente, usando os recursos naturais de forma inteligente para que eles se mantenham no futuro. Seguindo estes parâmetros, a humanidade pode garantir o desenvolvimento sustentável.

Ações relacionadas a sustentabilidade:

Exploração dos recursos vegetais de florestas e matas de forma controlada, garantindo o replantio sempre que necessário.

Preservação total de áreas verdes não destinadas a exploração econômica.

Ações que visem o incentivo a produção e consumo de alimentos orgânicos, pois estes não agridem a natureza além de serem benéficos à saúde dos seres humanos;

Exploração dos recursos minerais (petróleo, carvão, minérios) de forma controlada, racionalizada e com planejamento.

Uso de fontes de energia limpas e renováveis (eólica, geotérmica e hidráulica) para diminuir o consumo de combustíveis fósseis. Esta ação, além de preservar as reservas de recursos minerais, visa diminuir a poluição do ar.

Criação de atitudes pessoais e empresárias voltadas para a reciclagem de resíduos sólidos. Esta ação além de gerar renda e diminuir a quantidade de lixo no solo, possibilita a diminuição da retirada de recursos minerais do solo.

Desenvolvimento da gestão sustentável nas empresas para diminuir o desperdício de matéria-prima e desenvolvimento de produtos com baixo consumo de energia.

Atitudes voltadas para o consumo controlado de água, evitando ao máximo o desperdício. Adoção de medidas que visem a não poluição dos recursos hídricos, assim como a despoluição daqueles que se encontram poluídos ou contaminados.

A adoção de ações de sustentabilidade garantem a médio e longo prazo um planeta em boas condições para o desenvolvimento

das diversas formas de vida, inclusive a humana. Garante os recursos naturais necessários para as próximas gerações, possibilitando a manutenção dos recursos naturais (florestas, matas, rios, lagos, oceanos) e garantindo uma boa qualidade de vida para as futuras gerações.
Além do reaproveitamento ser uma necessidade, é algo que desenvolve nos alunos o interesse e a responsabilidade de cuidar do meio em que vivem, se preocupando em não degradar-lo e poluí-lo, brincar com sucata é uma ótima alternativa para o professor de educação infantil, trabalhar com sua turma, pois o trabalho com sucata proporciona às crianças, sob a pesquisa lúdica, momentos de vivência e percepções. Para Schultz (1991), (...) "é importante que o educador observe, acompanhe e somente quando absolutamente necessário venha a intervir durante a produção das crianças, dando-lhe espaço e tempo para realização do desafio (...)".
De acordo com Silva (2008), as atividades com sucatas são criativas, permitem o brincar e o aprender ao mesmo tempo e são propicias para o desenvolvimento das crianças.

Cuidar e educar constituem, atualmente, a espinha dorsal do discurso produzido nos debates sobre a educação infantil, campo que vem sendo delineado por meio da lutas dos movimentos sociais durante as últimas décadas. Na LDB (9394/96), com a nova constituição e diretrizes para a educação infantil, o ministério da educação e cultura, de acordo com a LDB, promove esse segmento educativo, instituindo-o como a etapa inicial da educação básica e reconhece a importância de subsidiar a elaboração de políticas públicas como vistas à melhoria de qualidade e equalização do atendimento a essa faixa etária [...] Os referenciais demonstram o esforço que tem sido feito na tentativa de se promover um espaço educativo de qualidade para as crianças nos primeiros anos de vida. A incorporação das creches e pré-escolas ao sistema educacional brasileiro reforçou essa polêmica que se expressa na dicotomia ou apenas se cuida da criança pequena ou se escolariza [...]. (KUHLMANN, 1999).

O educador deve compreender de que maneira as crianças atribuem significados aos fatos quando observam, questionam e experimentam fenômenos naturais. A criança demonstra de forma mais genuína, a capacidade de maravilhar-se diante da vida. A aprendizagem se baseia nessa fase na racionalização e na construção de conhecimento. A observação do mundo da natureza traz surpresa e perplexidades (KRAMER, 1996). Para Kuhlmann (1999), o professor deve investigar de que maneira as crianças pequenas se comportam quando envolvidas em atividades programadas de exploração do mundo da natureza. O interesse recai sobre as possibilidades de trazer à tona a maneira com que as próprias crianças investigam o mundo natural, a dinâmica da construção desses significados, considerando a natureza do conhecimento no campo da ciência, sua especificidade para crianças na educação infantil, bem como as estratégias elaboradas pelas professoras (KUHLMANN, 1999). A formação dos educandos não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual; é um processo global e complexo no qual "conhecer e intervir no real" não se encontra dissociados, aprende–se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante dos fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Assim o pensamento ecologicamente correto inspira ação e as mudanças no cotidiano que vão preservar e conservar o ambiente.

[...] um projeto é uma atividade instrucional. Num projeto, a responsabilidade e autonomia dos alunos são essências . A autencidade é uma característica fundamental de um projeto. Um projeto envolve complexidade e resolução de problemas [...]. (LEITE,1996, p.32).

Os referenciais demonstram o esforço que tem sido feito na tentativa de se promover um espaço educativo de qualidade para as crianças nos primeiros anos de vida. Ensinamentos desse tipo só acrescenta oportunidades de conhecimentos, tornado fácil a compreensão de tais conceitos, ao mesmo tempo que se integra e enriquece praticamente todas atividades escolares.
As evoluções tecnológicas, que tiveram seu

início a partir da Revolução Industrial no decorrer do século XVII, trouxeram inúmeras transformações no processo produtivo, na quantidade de itens, na disposição da população e na facilidade de descarte e substituição de um produto por outro.
Acompanhando tais mudanças nota-se que a população aumentou e a ampliação de renda proporcionou a melhoria da qualidade de vida trazendo consigo novos padrões de consumo e consumismo.
Ilustrando este contexto, Mattos e Granatto (2005, p.18) afirmam: O lixo está diretamente relacionado com o aumento da população humana e de suas necessidades. Os primeiros povoados datam de 8.000 a.C. e marcaram o início do período histórico. Na pré-história, os seres humanos eram nômades e se dedicavam a caça de animais e coleta de raízes, tubérculos e frutos dos vegetais. A produção de lixo era pequena e não se acumulava.
A transição para o período histórico foi marcada pela fixação de populações humanas em determinados locais propícios a prática de pastoreio e da agricultura. Esses lugares habitados passaram a acumular lixo. A criação de animais e a produção de alimentos permitiram um rápido crescimento da população humana e, consequentemente, um aumento do lixo no mundo.
Em consonância com este processo assim como o consumo, o descarte de Lixo aumentou significativamente exigindo dos governos a tomada de medidas embasadas no recolhimento destes sedimentos, transporte e disposição adequada como forma de evitar o aumento de roedores e insetos transmissores de doenças.
Como reflexo desta situação repetida em inúmeros países, Dias (1997, p.20) alerta:

As cidades do ponto de vista ecológico são consideradas parasitas do ambiente rural. Estudiosos afirmam que a cidade é uma espécie de animal gigantesco, imóvel que o tempo todo consome oxigênio, água e alimentos, e excreta gases tóxicos e restos orgânicos. Não sobreviveria por dez dias sem a entrada dos recursos naturais dos quais depende. Os ecossistemas afetam e são afetados pela biosfera inteira.

O crescimento populacional é acompanhado pelo aumento da produção de lixo na sociedade global, sendo assim, pensar em reciclagem e adotar medidas que propiciem seu desenvolvimento se consolida em uma atitude preponderante para que o meio ambiente possa recuperar parte de seus recursos.
Para Silva (2004, p.01) a Educação Ambiental reproduz os seguintes valores: [...] a necessidade de preservar o meio ambiente, por conhecermos a acelerada destruição dos recursos naturais do nosso planeta e entendermos que Reduzir, no sentido de diminuir a quantidade de lixo produzido, desperdiçando menos e consumindo só o necessário, sem exageros. Reutilizar, dando nova utilidade a materiais que na maioria das vezes consideramos inúteis e jogamos no lixo, e Reciclar, no sentido de dá "nova vida" a materiais a partir da reutilização de sua matéria-prima para fabricar novos produtos [...]
Portanto, se a Reciclagem não se tornar um hábito comum a todos os cidadãos brasileiros e do mundo, as espécies vivas podem entrar em extinção, uma vez que a exploração dos recursos naturais ultrapassa a capacidade que o planeta possui de se recuperar.
O caminho criativo em arteterapia tem o propósito de concretizar, dar forma e materialidade ao que é intangível, difuso, desconhecido ou reprimido. Ao cuidar de cada ser, ao trabalhar com o micro (o indivíduo), o processo arteterapêutico possibilita a transformação pessoal, ocasionando mudanças nas relações entre os indivíduos, modificando os grupos humanos na essência.

. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina de reciclagem artesanal de papel proporcionou atividades lúdicas, que além de trabalharem a parte motora e cognitiva dos envolvidos, viabilizaram a construção de uma relação que facilita a ampliação da consciência e do auto-conhecimento, possibilitando mudanças de comportamento nos alunos, dentre as quais podemos citar a melhora da autoestima e a superação pessoal pelo contato com a arte e pelo relacionamento interpessoal.
Além de possibilitar prazer e entretenimento aos educandos, a experiência com reciclagem artesanal de papel torna-se ainda mais

rica por constituir uma oportunidade de gerar renda, pela venda das peças fabricadas, mais especificamente cartões, embalagens de presente e objetos de arte. Há ainda o objetivo mais nobre que é a conscientização dos alunos da importância de se reaproveitar o lixo, atitude demonstra responsabilidade diante das gerações futuras e que permite a preservação do meio ambiente.

REFERENCIAS

ALVES, Alfredo. Como fazer um audiovisual. Petrópolis; Vozes, 1987

CIORNAI, Selma. Percursos em Arteterapia. ClickBooks, São Paulo, 2004.

URRUTIGARAY,M.C. Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens, 2ª Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

FARINA, C. Formação estética e estética da formação. In: MOREIRA, J.; FRITZEN, C. (Org.). Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 95-107.

KUHLMANN, A. (1991), Professora Língua Portuguesa "Educar e amar e não desistir".

KOZEL, S. & FILIZOLA, R. Didática de Geografia: Memórias da terra, espaço vivido. São Paulo: Ed. FTD, 1996.

LANIER, Vicent. Desenvolvendo a Arte à Arte-Educação. Arte. São Paulo:1984

LEITE, L. H. A. A Pedagogia de Projetos Intevenção no presente. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, 1996

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1991. 54 p

RODARI, G. Gramática da fantasia. São Paulo : Summus, 1982.

SATO, M.; TAMOIO, M. H. Livro "Educação Ambiental" Pesquisas e Desafios. Artmed Editora, (2002) .

SHUSTERMAN, Richard (1998). Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Editora 34.